JIHAD ISLÂMICA PALESTINA: A OUTRA MILÍCIA DE GAZA EM GUERRA CONTRA ISRAEL

*Por Alexandre Aoun**



Membros da Jihad Islâmica Palestina marcham em Gaza (Mahmud Hams/AFP).

Embora alinhada ao Hamas na luta contra Israel, a Jihad Islâmica Palestina não têm necessariamente a mesma agenda política, e sua principal força vem da aliança com o Irã.

Síntese da ideologia da Irmandade Muçulmana e do dogma revolucionário iraniano, a Jihad Islâmica nasceu no final da década de 1970. Muito rapidamente o movimento islâmico aderiu à luta armada contra Israel. Menos influente do que o Hamas em Gaza, o grupo tem vários centros de ligação na Cisjordânia, no Líbano, na Síria e no Irã.

À sombra do Hamas, o outro grupo de Gaza não é menos influente. A Jihad Islâmica Palestina tem coordenado as suas ações com as brigadas Al-Qassem desde o ataque de 7 de outubro. Reconhecíveis pela sua insígnia amarela sobre fundo preto, os milicianos islâmicos conseguiram adaptar-se a diferentes circunstâncias. Antes defendendo o modo de operação terrorista com carros-bomba e ataques kamikaze, o segundo grupo de Gaza também possui um aparato militar que pode atingir diretamente o território israelense. Em maio passado, enquanto o Hamas permanecia em retirada, a Jihad Islâmica confrontou o exército israelense durante cinco dias. Em agosto de 2022, um conflito opôs a Jihad Islâmica ao exército israelense durante três dias. Este movimento, pouco conhecido no Ocidente, é um elo entre a Irmandade Muçulmana e o xiismo revolucionário pós-1979.

ENTRE A IRMANDADE MUÇULMANA E A REVOLUÇÃO IRANIANA

Foi depois da Segunda Guerra Mundial que a organização Irmandade, fundada em 1928 no Egito, abriu sua primeira filial na Palestina. Durante a primeira guerra árabe-israelense, a Irmandade enviou voluntários para se juntarem às facções nacionalistas para lutar contra as organizações sionistas. Mas a derrota de 1948 desferiria um golpe fatal na organização islâmica. Para os habitantes de Gaza sob controle egípcio, eles passaram à clandestinidade devido à feroz oposição do presidente Nasser à Irmandade, particularmente após a tentativa de assassinato em 1954. O líder egípcio liderou uma verdadeira guerra contra o movimento da Irmandade.

Devido à derrota do nacionalismo árabe em 1967, após a humilhação da Guerra dos Seis Dias, a organização da Irmandade Muçulmana continuou a ganhar seguidores. O movimento islâmico esteve inicialmente confinado a ações sociais e educativas através de mesquitas, escolas ou centros culturais. A ação armada, secundária, viria depois de uma reislamização de toda a sociedade.

Mas na década de 1970, o movimento da Irmandade Palestina foi subdividido. Uma parte rejeitou a primazia da ação social e da passividade em relação a Israel. Influenciados pelo advento da República Islâmica Iraniana, muitos eram a favor da luta armada. Para alguns, a ideologia revolucionária do Líder Supremo Iraniano, Khomeini, iria, portanto, suplantar o quietismo original da Irmandade Muçulmana. Estudando medicina no Egito, o fundador da futura Jihad Islâmica, Fathi al-Shiqaqi, rapidamente se inspirou no dogma do Aiatolá e escreveu um livro em 1979 intitulado *Khomeini: Solução e alternativa islâmica*.

A criação desta nova entidade é, portanto, o resultado de uma desilusão no seio do movimento da Irmandade e de um fascínio pela mudança de paradigma imposta a partir de Teerã. Os dois pensadores e fundadores, Fathi al-Shiqaqi e Abdelaziz Awda, acabariam por criar um movimento híbrido. De obediência sunita, o grupo seguiria o xiismo político mais radical, mantendo ao mesmo tempo uma fibra nacionalista. Na década de 1980, criaram, portanto, um grupo clandestino inicialmente intitulado "Vanguardas Islâmicas" que se estabeleceu no espectro das milícias palestinas com o objetivo principal da luta armada contra Israel. Muito rapidamente, os executivos do pequeno grupo jovem se aproximariam do Hezbollah libanês, da Guarda Revolucionária e da Síria de Assad, onde abririam um escritório em Damasco em 1989.

ALINHAMENTO COM TEERÃ

A Jihad Islâmica assumiu abertamente a responsabilidade por vários ataques em Beirute contra a presença americana e francesa durante a guerra civil libanesa. O movimento participou ativamente da primeira intifada contra soldados e civis israelenses, que levou à criação do Hamas em 1987. O grupo também criou seu ramo militar com a brigada Al-Quds em 1992. A Jihad Islâmica recusa categoricamente os Acordos de Oslo em 1993 e desempenhou um papel no desenvolvimento de uma frente unida que reunisse todos os partidos palestinos

que se opunham ao Estado judeu. Numa escala em Malta, após uma viagem à Líbia para obter apoio estrangeiro para Gaddafi, Fathi al-Shiqaqi foi assassinado pelos serviços secretos israelenses em 1995.

Menos poderosa do que o Hamas, a Jihad Islâmica se beneficia, no entanto, de vários canais. Além de Damasco, o movimento islâmico tem filiais na Cisjordânia, nomeadamente em Hebron e Jenin, e os responsáveis do partido fazem viagens frequentes a Beirute e Teerã. Antes dos Acordos de Abrahão que estabeleceram a normalização das relações entre o Sudão e Israel, a organização de Gaza também tinha entradas em Cartum.

Ao contrário da Autoridade Palestina de Mahmoud Abbas ou do Hamas, a Jihad Islâmica não é um movimento de massas, não goza de base política significativa e não tem intenção de tomar o poder. A milícia só participou nas eleições legislativas de 1996. Além da sua bipolarização na cena nacional palestina, sua principal força reside na aliança com seu fiador iraniano. Enquanto o partido no poder na Faixa de Gaza assumiu a causa da rebelião síria anti-Assad, a Jihad Islâmica permaneceu leal ao eixo Damasco-Teerã, o que lhe permitiu até receber mais fundos. Como tal, o atual líder do grupo de Gaza, Ziyad al-Nakhalah, é apelidado de "o Iraniano".

Os confrontos de 2019, 2022 e maio de 2023 provaram que a Jihad Islâmica era capaz de agir sozinha, independentemente das estratégias do Hamas. Embora alinhados em sua luta contra o Estado Judeu, os dois movimentos não têm necessariamente a mesma agenda política. Ambos os grupos islâmicos são considerados organizações terroristas em Israel, nos Estados Unidos e na União Europeia.

Além da significativa ajuda militar da República Islâmica Iraniana à Jihad Islâmica, parte das armas vem da Síria e da Coreia do Norte e outra parte é fabricada localmente, como indicou o líder do grupo em maio de 2021. "Foi Qasem Soleimani[1] quem trouxe a ideia de produzir mísseis dentro do país. Todos os engenheiros da Jihad Islâmica e do Hamas são treinados pelo Irã", declarou Ziyad Al-Nakhalah.

Publicado no Le Dialogue.

***Alexandre Aoun** é jornalista franco-libanês e analista geopolítico especialista no Oriente Médio. Tem formação em História e Geografia e mestrado em Relações Internacionais com especialização no Mundo Árabe. Com experiência profissional no Líbano e na Síria, conhece profundamente a rede social e religiosa das sociedades orientais. Fundou o site monorient.fr, onde analisa as notícias, a história e a cultura do Oriente Médio. Seu trabalho tem sido publicado em meios especializados como Chronik, Middle East Eye, Orient XXI, Le Monde Arabe, IHEDN e Journal International. Atualmente é repórter da equipe editorial do Sputnik News.*

[1] *Qasem Soleimani (1957-2020) foi um major-general iraniano da Guarda Revolucionária Islâmica (GRI) e, de 1998 a 2020, comandante da Força Quds, divisão responsável principalmente por ações militares no exterior e operações clandestinas. Soleimani foi morto em 3 de janeiro de 2020 por um míssil disparado por um drone americano, próximo ao Aeroporto Internacional de Bagdá. Seu corpo foi identificado por um anel que usava e posteriormente por uma análise de DNA.*